TERESA RITA LOPES

TEATRO REUNIDO

I

BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

Título: Teatro Reunido
Vol. I

Autor: Teresa Rita Lopes

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Revisão do texto: Miguel Antunes Pereira

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Março de 2007

ISBN: 978-972-27-1386-3

Depósito legal: 248 289/06

TERESA RITA LOPES

TEATRO REUNIDO

I

Organização e prefácio de SEBASTIANA FADDA

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2007

OS PÁSSAROS TAMBÉM

[1961]

OS PÁSSAROS TAMBÉM

PERSONAGENS:

SALTIMBANCO
VELHO TRAPEIRO
VELHA TRAPEIRA
FOTÓGRAFO
MULHER DO FOTÓGRAFO
VENDEDOR AMBULANTE
HOMEM DOS MOINHOS
HOMEM DOS BALÕES
MULHER DAS FLORES
HOMEM DOS PÁSSAROS
AMOLA-TESOURAS
3 CRIANÇAS
PÁSSAROS (muitos...)

CENA PRIMEIRA

Escuro acabrunhante. Mal se divisam vários vultos em posição de sono desaconchegado: apoiados a um balde de lixo, um Velho e uma Velha maltrapilhos, trapeiros; uma Vendedeira de Flores encostada ao seu cabaz; perto dela, um Homem com pássaros em gaiolas; um Fotógrafo à la minute, *com a sua velha máquina, e a Mulher; um Vendedor de Moinhos; um Vendedor de Balões; o Saltimbanco e a Mulher. A impressão de densa escuridão deve manter-se largo tempo, o suficiente para que o público experimente um certo mal-estar. Só então clareará um pouco, o mínimo indispensável para que a representação se não torne fatigante. Cada personagem ou par de personagens deve ficar circunscrita por um*

círculo de luz enquanto se manifestam — o que faz do seu espaço uma ilha de solidão.

SALTIMBANCA *(afastando o homem)* — Agora não. Deixa-me! Hoje não!

SALTIMBANCO — «Hoje não!», «agora não», dizes sempre o mesmo! *(Silêncio.)* Dantes não eras assim.

ELA — Dantes nada era assim. As feiras... lembras-te?... Foi numa feira que te conheci.

ELE *(quase com rancor)* — Eras bem diferente!

ELA — Tudo era diferente. Gostava de me deitar a ver as luzes pelos buracos da nossa tenda. E a ouvir a música dos carrosséis. Sentia a feira no corpo. *(Silêncio.)* Agora não sou capaz.

ELE *(com raiva)* — Era comigo ou era com a feira que tu dormias?

ELA *(sem lhe dar atenção, continuando o seu monólogo)* — Dantes dançava por gosto. Agora já não sou capaz. Parece que o fogo arrefeceu.

ELE — Temos que arranjar outra vida. Isto já não deixa nada.

ELA *(brava)* — Se queres arranjar outra vida arranja também outra mulher!

ELE — É minha culpa se ninguém quer saber das tuas danças nem dos meus saltos mortais?

ELA *(falando para si, numa angústia)* — Mas por que é que já ninguém quer saber...? Será que já não sei dançar?

ELE — Até faço o salto mortal sem colchão por baixo, pra ver se vêm ao cheiro do perigo. Nem olham. Passam e nem olham. Vale a pena uma pessoa moer o corpo para uma roda de crianças e cães vadios...?!

ELA — Até as crianças já não parecem as mesmas. Dantes faziam barulho, davam palmas, queriam tocar o tambor... Agora... *(Levanta-se.)* Já é manhã.

ELE — Quase que nem se dá por isso...

VELHA TRAPEIRA *(levantando-se e abanando Velho)* — Achas que já é manhã?

VELHO *(olha para cima, faz um trejeito de dúvida)* — É capaz de ser. E é capaz de não ser. Os dias agora quase que são iguais às noites.

VELHA *(levantando-se com esforço)* — Se é manhã temos que nos pôr a andar. Senão os cães chegam primeiro que nós. *(Abana-o.)* Vá, levanta-te! Ou Sua Excelência quer que lhe traga o café à cama?! *(Amarra o lenço da cabeça, prepara o saco.)* Que isto também já não paga a pena. Nem os caixotes das casas ricas. Aproveitam tudo! Nem garrafas vazias deitam fora. Nem latas. Quase nem papéis!... Belos tempos em que eu até encontrava notas inteirinhas no lixo! Agora parece que já ninguém é distraído!

VELHO *(levanta-se, com impos de esforço, e começa depois a saltitar para aquecer)* — Ontem encontrei uma laranja inteira.

VELHA *(desdenhosa)* — Meia podre, olha a grande coisa. Com pouco te contentas.

VELHO *(sempre a saltitar)* — Foi a primeira que comi este ano. Soube-me bem. *(Põe ao ombro uma vassoura de limpa-chaminés.)*

VELHA — Gostava de saber para que é que andas com esse trambolho atrás!

VELHO — Pode ser que me chamem hoje. É o meu ofício ou não?!

VELHA — Era o teu ofício! Agora já ninguém quer saber de ti. *(Como quem roga uma praga:)* Deus permita que a fuligem os cubra da cabeça aos pés! Que os sepulte vivos!

VELHO — Deixa-te de pragas! Quem sabe lá se hoje...

Velha — Hoje! Hoje como ontem! Como amanhã. Mais te valia deixar aí esse trambolho e pegar num saco. *(Encara, rancorosamente, Velho, que não larga o vasculho.)* Sua Excelência tem um ofício, não é...?! A Velha que vá cheirar nos caixotes do lixo para o sustentar! *(Põe-se em marcha.)* E ainda será uma sorte se os cães nos tiverem deixado alguma coisa!

Mulher das Flores *(encostada à sua cesta, fala para Homem dos Pássaros, que está num círculo tangente ao seu, encostado às suas gaiolas)* — Desculpe, acha que já é manhã?...

Homem dos Pássaros *(olhando o céu, em volta)* — É bem possível. Mas não se dá lá muito por isso...

Ela — Os seus pássaros ainda não acordaram. Não os oiço.

Ele — Andam tristes.

Ela — Nunca os oiço cantar.

Ele *(vivamente)* — Mas sabem cantar, garanto-lhe! *(Num desalento.)* Toda a gente pensa que eles não sabem cantar. É essa a minha desgraça. Ninguém mos compra.

Ela — Ninguém quer pássaros mudos... Também ninguém quer comprar flores murchas. Mas eu não tenho a culpa!

Ele — Nem eu!

Ela — Já nascem assim, murchas. Quando as colho já têm esta cara. E secas, sem uma gota de orvalho. Dantes as flores refrescavam-se de orvalho durante a noite... *(Levanta-se.)* É manhã. Vou dar uma volta.

Ele — Fazer o quê?...

Ela — Ver se alguém as quer comprar.

Ele — A estas horas o que toda a gente quer é comer. Os que podem... É ainda muito cedo para pensar em flores.

Ela — Quando não será cedo...!

ELE — E está escuro.

ELA — Está sempre escuro. *(Levanta-se.)* Vou andando…

ELE *(tentando retê-la)* — Não vá ainda…!

ELA — Porquê?

ELE — Pode ser que os meus pássaros cantem quando olharem para as suas flores!

ELA *(numa súbita esperança)* — Pode ser que as minhas flores acordem quando ouvirem os seus pássaros cantar! *(Aproxima a cesta das gaiolas.)* Acha que eles ainda estão a dormir?

ELE — Pelo menos parecem.

ELA — Dantes os pássaros acordavam cedo.

FOTÓGRAFO *(levanta-se e espreguiça-se)* — Doem-me os braços.

MULHER *(levantando-se também)* — Se calhar foi algum jeito que deste a dormir.

FOTÓGRAFO *(resmungão e esfregando o braço)* — Foi mas foi o teu ombro. Os teus ossos são piores que pregos. Quase que me fizeram um buraco aqui. *(Pausa.)* Tenho fome. *(Espera.)* Bem podias fazer uma pinga de café.

MULHER — Não tenho café.

FOTÓGRAFO *(remexendo nos bolsos, cada vez de pior humor)* — Também não tenho cigarros, merda!

MULHER *(suave)* — Faz mal fumar em jejum.

FOTÓGRAFO — Faz mal é estar em jejum! Quero comer.

MULHER — Que queres que te dê…? Não tenho nada.

FOTÓGRAFO *(encolhido e tremelicando)* — Tenho frio.

MULHER — É deste maldito escuro.